

CONSIDERAÇÕES SOBRE EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR¹

Alberto Albuquerque GOMES²

RESUMO: A evasão escolar tem sido um tema intensamente debatido, principalmente com relação ao ensino fundamental. O texto se propõe a discutir as questões relativas à evasão escolar no ensino superior, considerando as variáveis internas e externas ao fenômeno. Ao considerarmos os diferentes aspectos da evasão escolar em todos os níveis de ensino, especialmente no ensino superior apontamos, ao final, alguns dos aspectos mais relevantes do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Evasão Escolar; Ensino Superior; Licenciaturas; Produtividade; Avaliação do Ensino Superior

ABSTRACT: CONSIDERATIONS ON SCHOOL ESCAPE IN THE HIGHER EDUCATION

The school escape has been intensely a theme debated, mainly with relationship to the fundamental teaching. The text intends to discuss the relative subjects to the school escape in the higher education, considering the internal and external variables to the phenomenon. Considering the different aspects of the school escape in all the teaching levels, especially in the higher education, we aimed at the end some of the most important of the phenomenon aspects.

KEY-WORDS: School Escape; Higher Education; Courses of Licenciatura; Productivity; Evaluation of the Higher Education

A evasão escolar tem sido um assunto preocupante em todos os níveis de ensino e em diferentes sistemas educacionais. Porém, quando falamos sobre evasão não nos referimos simplesmente ao ato de evadir, escapar, abandonar, mas sim a um amplo contexto com múltiplas facetas nem sempre bem compreendidas.

No que diz respeito à permanência da criança e do jovem na escola, do ensino fundamental ao superior observa-se, ainda, a incompetência do sistema, pois, como há quatro décadas atrás, continuamos a apresentar uma pirâmide escolar cuja base é bastante larga, ou seja, menos de 50% dos alunos matriculados na escola básica (1ª a 4ª séries) consegue concluí-la e apenas 20% consegue concluir a 8ª série,

demonstrando que a escolaridade obrigatória no Brasil ainda é ficção.

Na tentativa de compreender a magnitude do fenômeno, vários pesquisadores têm procurado definir evasão escolar e apontar suas possíveis causas e buscando alternativas para sua superação.

Patto (1991) estudou profundamente o assunto sob a ótica do fracasso escolar. Segundo a autora, no Brasil, já na década de 30 registravam-se altos índices de evasão escolar nas séries iniciais do 1º grau, e baixíssimos índices de conclusão do então denominado, ensino primário. O crescimento quantitativo da Rede Pública, ainda que lento, veio acompanhado de um elevado número de excluídos, quer seja pela falta de acesso ao ensino público, quer seja pela evasão escolar

¹Artigo extraído de "Evasão e evadidos: o discurso dos alunos sobre evasão escolar nos cursos de licenciatura" – Tese de Doutorado defendida em 02/10/98.

² Departamento de Educação - Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 - Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

antes da conclusão daquele ciclo. Segundo a mesma autora,

A reprovação e a evasão na escola pública de primeiro grau continuam a assumir proporções inaceitáveis em plena década de oitenta. Este problema revela-se tanto mais grave quanto mais a análise dos números referentes às décadas passadas indica sua antiguidade e persistência: estatísticas publicadas na década de trinta já revelavam não só altos índices de evasão e reprovação mas também o então primeiro ano do curso primário como um ponto de estrangulamento do sistema educacional brasileiro (53,52% retidos no 1º ano do ensino primário em 1936, e 58,83% em 1938). Ao longo dos sessenta anos que nos separam do início da instalação de uma política educacional no país, sucessivos levantamentos revelam uma cronificação deste estado de coisas praticamente imune às tentativas de revertê-lo, seja através de sucessivas reformas educacionais, seja através da subvenção de pesquisas sobre suas causas, seja pelo caminho de medidas técnico-administrativas tomadas pelos órgãos oficiais". (Patto, 1991, p. 1)

A constatação destes índices, veio demonstrar que, ao contrário do que pregavam os liberais do final do século XIX, a escola não poderia ser vista como a solução dos problemas nacionais, uma vez que o ideário liberal de igualdade fora inviabilizado pelas circunstâncias históricas e políticas do próprio capitalismo, especialmente no que diz respeito ao Brasil.

Não obstante, as classes populares, sempre viram na escola uma alternativa para escaparem da desigualdade presente na nova ordem social, elevando o tom das pressões por educação para todos, principalmente após a década 30.

A expansão quantitativa da Rede Pública de Ensino, como já foi mencionado anteriormente, veio acompanhada de elevados índices de evasão e repetência. Poppovic apud Bruns, 1987, p.32, afirma que segundo dados estatísticos observados desde 1942, cerca de 60% das crianças não conseguem promoção para a 2ª série. Isso tem trazido como conseqüência, elevados índices de evasão escolar e retenção, que têm desafiado o sistema educacional brasileiro.

Mas quais são as causas do abandono da escola? Segundo estudos apontados por Bruns (1987), as mais freqüentes têm sido as

seguintes: necessidade de ingresso no mercado de trabalho; impossibilidade de arcar com as despesas relativas a material escolar, uniforme, etc; dificuldade de conciliação de estudo e trabalho e a repetência por anos seguidos numa mesma série.

Considerando-se o ponto de vista dos professores que ano a ano assistem à evasão de seus alunos, observa-se que para eles, as causas extra-escolares dizem respeito ao trabalho do aluno fora da escola e à desatenção da família para as necessidades do filho-aluno". (Gomes, 1993, p. 107). Os professores chamam para si parte da responsabilidade frente ao problema, ainda que não saibam efetivamente como enfrentá-lo.

Sem dúvida, o professor não é insensível ao fenômeno do fracasso escolar, apesar da constatação de sua impotência frente à questão. Mesmo entre aqueles que não se referem às condições sócio-econômicas que interferem no desempenho escolar do aluno, a questão assume grandes dimensões, desestimulando o trabalho docente. (Gomes, 1993, p. 108)

Tais observações permitem, ainda que de maneira bastante simplificada, estabelecer um quadro geral sobre a evasão escolar nas séries iniciais, configurando-se uma situação na qual o fracasso escolar tem sido o principal problema enfrentado.

Entretanto, pelo fato de vários estudos darem maior ênfase à evasão escolar no 1º grau, outros níveis de ensino não vem tendo a mesma atenção, principalmente o ensino superior. Segundo a Comissão Especial de estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras (1996, p. 22),

A evasão de estudantes é fenômeno complexo, comum às instituições universitárias no mundo contemporâneo. Exatamente por isto, sua complexidade e abrangência vêm sendo, nos últimos anos, objeto de estudos e análises, especialmente nos países do Primeiro Mundo. Tais estudos têm demonstrado não só a universalidade do fenômeno como a relativa homogeneidade de seu comportamento em determinadas áreas do saber, apesar das diferenças entre instituições de ensino e das peculiaridades sócio-econômico-culturais de cada país. Um exemplo é o

*estudo de Latiesa³ que abrangeu universidades européias e norte-americanas e investigou seu desempenho numa série histórica de 1960 a 1986. O estudo apontou que os melhores rendimentos do sistema universitário são apresentados pela Finlândia, Alemanha, Holanda e Suíça enquanto que os piores resultados se verificam nos Estados Unidos, Áustria, França e Espanha. Nos EUA, por exemplo, apontava a autora, **as taxas de evasão estão em torno de 50% e esta porcentagem é constante nos últimos trinta anos; a mesma constância verifica-se na França onde as taxas, em 1980, eram de 60 a 70% em algumas Universidades. Já na Áustria, o estudo aponta para um índice de 43%, sendo que apenas 13% dos estudantes concluem seus cursos nos prazos previstos**".*

Tomando-se o Brasil como um todo (instituições públicas e particulares, universidades e faculdades isoladas, grandes e pequenas), os dados do Ministério da Educação indicam para a primeira metade dos anos 80 uma evasão de estudantes universitários compreendida entre 40 e 45%. (Prado, 1990, p. 3)

Dados mais atualizados (Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação) indicam que a evasão média no ensino superior é superior a 40%. O estudo realizado pela referida Secretaria levou em consideração alunos que abandonam o curso sem concluí-lo e aqueles que não concluíram o curso no prazo máximo estabelecido pela legislação. Foram analisadas 53 instituições de ensino superior públicas – federais e estaduais – apresentando o seguinte quadro:

Um outro estudo realizado na Argentina pelo Ministério de Cultura Y Educación revela uma situação tão preocupante quanto a revelada em relação aos Estados Unidos e Europa. Segundo a mesma comissão acima mencionada, este estudo revela

entre outras questões importantes sobre o desempenho das universidades públicas do país, a dimensão preocupante dos índices de diplomação e de evasão dos estudantes. Abrangendo o conjunto daquelas instituições e seu desempenho no período de 1982-1992, o estudo conclui que o conjunto das Universidades registrava 19 diplomados para cada 100 ingressantes nos cursos, o que significa uma taxa acumulada de evasão de 81%". (MEC/SESU, 1996, p.22)

Situação semelhante vive o Brasil. Segundo Prado (1990, p. 2), *no Brasil, a evasão de estudantes parece ser uma característica geral da educação em todos os níveis de ensino, do primeiro grau à pós-graduação, da escolarização regular ao ensino supletivo e não convencional. Observa-se facilmente que o problema tem se repetido também neste nível de ensino, ainda que em circunstâncias diferenciadas.*

³ LATIESA, M. La deserción universitaria. desarrollo de la escolaridad en la enseñanza superior. éxitos y fracasos. Madrid: Siglo XXI, 1992.

Quadro 1 – EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO SUPERIOR - INSTITUIÇÕES PÚBLICAS - 1986-1994.

Nº de instituições	Alunos ingressantes	Alunos concluintes	Alunos retidos		Alunos evadidos		
53	198.867	98.854	19.445		80.445		
EVASÃO POR ÁREA DO CONHECIMENTO %							
Ciências Exatas e da Terra	Linguística, Letras e Artes	Ciências Humanas	Ciências Biológicas	Engenharia	Ciências Sociais Aplicadas	Ciências Agrárias	Ciências da Saúde
59	49,9	46	45,2	43,9	37,5	30,2	22,5

FONTE: FOLHA DE SÃO PAULO, 29 de janeiro de 1998, p. 3-4.

É interessante observar que o quadro acima explicitado refere-se a apenas uma parte das universidades públicas (67,1%). Se ampliarmos tal investigação para as instituições particulares, ou simplesmente projetarmos a evasão média nas instituições públicas, 40%, teremos um painel mais sombrio ainda, ou seja, tomando o número de ingressantes entre 1980 e 1994, 3.699.313 alunos (Quadro 2), teremos a astronômica e assustadora cifra de 1.479.725

alunos evadidos, num país que tem percentual mínimo de estudantes no ensino superior.

Se observarmos a evolução do número de alunos ingressantes pelos exames vestibulares nos últimos anos, observaremos que a demanda por vagas nos cursos superiores tem aumentado, o que entretanto, não tem garantido a frequência do aluno ingressante até o final do curso.

Quadro 2 – EVOLUÇÃO DAS ESTATÍSTICAS DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL – 1980 - 1994

ANO	FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR	TOTAL
1980	62.044	30.794	24.666	239.253	356.667
1981	63.039	36.113	28.111	229.780	357.043
1982	62.446	36.504	31.030	231.578	361.043
1985	60.443	37.418	25.883	222.636	346.380
1986	62.800	40.105	33.721	242.292	378.828
1987	60.498	44.322	29.217	261.381	395.418
1988	57.703	47.958	25.514	264.014	395.189
1989	58.491	43.074	23.438	257.218	382.221
1990	57.748	44.470	23.921	281.009	407.148
1991	69.279	47.685	25.893	283.701	426.448
1992	72.063	50.201	27.462	261.184	410.910
1993	73.925	51.419	28.345	286.112	439.801
1994	76.130	54.953	28.703	303.454	463.240

FONTE: MEC/INEP/SEES - 1998

Com relação ao quadro acima, pode-se observar os seguintes indicadores: considerando-se o período compreendido entre 1980 e 1994, o número de alunos ingressantes no ensino público (federal, estadual e municipal) cresceu cerca de 36%, enquanto que o ensino particular cresceu cerca de 27% no mesmo período; em 1980, a proporção de alunos entre ensino público e ensino particular era a seguinte: para cada 100 alunos matriculados no ensino superior, 67,1% estavam nas instituições particulares e somente 32,9% em instituições públicas (federal, estadual e municipal); em 1994, esta proporção era a seguinte: de cada 100 alunos, 65,5% em matriculados em instituições particulares e 34,5% em instituições públicas.

Em estudo apresentado pela Comissão Especial de Estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras (1996), do qual participaram 61 instituições de ensino superior públicas - federais e estaduais - representando 77,2% do universo da educação superior pública do país, podemos constatar os elevados índices de evasão escolar no ensino público, especialmente nos cursos de licenciatura. Considerando-se o período entre

1986 e 1994, e contabilizando as turmas ingressantes em 1986, 1987 e 1988, observamos um índice médio de 50,1% de evasão escolar, sendo que do total de alunos ingressantes nos cursos de licenciatura, somente 39,9% concluem o curso, chegando a percentuais absurdos de apenas 16,1% de concluintes para o curso de Física e 15,9% para o curso de Química (Quadro 3 - ANEXO).

Observando os dados regionais, e considerando-se o ano de 1994, verifica-se forte concentração de matrículas no ensino superior nas regiões Sul e Sudeste – 73,5% do total. Considerando-se o total de matrículas destas duas regiões, e o índice médio de evasão escolar, 40%, pode-se projetar uma evasão da ordem de 488.393 alunos, ou seja, as regiões Sul e Sudeste tem mais alunos evadidos do que as demais regiões tem alunos matriculados (respectivamente 488.393 versus 440.051).

Afunilando mais ainda a análise dos dados verifica-se que São Paulo, estado responsável por 540.716 matrículas no ensino superior – 32,5% do total – perde cerca de 216.000 alunos, evadidos do ensino superior.

Quadro 4 – NÚMERO E PERCENTUAL DE MATRÍCULAS – 1994

REGIÃO	ESTADO	TOTAL	PERCENTUAL
NORTE		64.254	3,9
NORDESTE		264.396	15,9
CENTRO-OESTE		111.401	6,7
SUL		304.852	18,4
SUDESTE		916.131	55,1
TOTAL		1.661.034	100
	MINAS GERAIS	153.198	9,2
	ESPÍRITO SANTO	22.400	1,3
	RIO DE JANEIRO	199.817	12,0
	SÃO PAULO	540.716	32,5
TOTAL		916.131	55

FONTE: MEC/INEP/SEEC – 1998.

Analisando a evolução de matrículas e os índices de evasão escolar na UNESP, observamos um movimento semelhante àquele verificado nos Quadros 1 e 2, quanto ao forte crescimento nas matrículas, ainda que na UNESP estes números sejam maiores, e índices semelhantes de evasão escolar. Tomando-se por base o ano de 1993 – 4.286 matrículas, observa-se um acréscimo de 61% em relação a 1985 – 2.651 matrículas, percentual bem superior aos verificados nas instituições públicas em geral (36%) e nas instituições particulares (27%). Observando os índices de evasão escolar, verifica-se um movimento semelhante às demais instituições conforme Quadro 5 (ANEXO).

Considerando somente a evasão nos cursos de licenciatura da UNESP, observamos um índice médio superior ao da universidade como um todo. A única exceção diz respeito aos cursos de Ciências Biológicas que apresentam números bem inferiores aos demais cursos. Somente o curso oferecido em Rio Claro tem apresentado números semelhantes aos demais cursos. Os índices mais preocupantes, são aqueles dos cursos de Matemática e Física, que chegam a 90% e 80% em 1988,

respectivamente, conforme demonstram os Quadros 6 e 7 – (ANEXO).

A situação se repete com relação à Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP de Presidente Prudente, conforme demonstra o Quadro 7 – (ANEXO). A comparação dos dados entre UNESP e Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) aponta uma progressão de matrículas ao longo da série histórica e índices de evasão escolar semelhantes aos índices nacionais, ainda que os números referentes à FCT sejam superiores em relação à própria UNESP e à média nacional. Observe-se que a diminuição dos índices de evasão escolar ao longo dos anos deve-se ao fato de que por ocasião da coleta de dados, somente as turmas dos anos de 1985 e 1986 estavam fechadas, isto é, já haviam esgotado o prazo máximo de conclusão dos cursos. Um dado significativo a ser considerado, é o fato de que no campus da FCT, cerca de 75% das vagas oferecidas são de cursos de licenciatura (Educação Física, Geografia, Matemática e Pedagogia), o que pode em parte explicar os elevados índices de evasão escolar demonstrados no Quadro 7.

**Quadro 8 – QUADRO COMPARATIVO DA EVASÃO ESCOLAR UNESP X
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**

UNESP				FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA		
ANO	ALUNOS INGRESSANTES	ALUNOS EVADIDOS	%	ALUNOS INGRESSANTES	ALUNOS EVADIDOS	%
1985	2651	1223	46,1	177	94	53,1
1986	2703	1224	45,3	186	109	58,6
1987	2841	1251	44	190	117	61,6
1988	2979	1176	39,5	207	114	55,1
1989	3385	1188	35,1	183	76	41,5
1990	3894	1256	32,3	279	129	46,2
1991	4079	929	22,8	372	132	35,5
1992	4170	641	15,4	380	79	20,8
1993	4286	116	2,7	396	42	10,6

FONTE: EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP - PROGRAD, 1995.

Quanto aos cursos de licenciatura da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP de Presidente Prudente, observa-se uma evolução de matrículas de mais de 100%, não só pelo aumento da demanda nos exames vestibulares (conforme Quadro 9), como

também pela ampliação de vagas em virtude da encampação do Instituto Municipal de Ensino Superior de Presidente Prudente em 1988, sendo tais vagas oferecidas no exame vestibular de 1989 para ingresso em 1990.

Quadro 9 - NÚMERO DE CANDIDATOS AOS VESTIBULARES - 1990 - 1994**FCT/UNESP – PRESIDENTE PRUDENTE**

CURSO	TURNO	1990		1991		1992		1993		1994	
		N/V	C/V	N/V	C/V	N/V	C/V	N/V	C/V	N/V	C/V
EDUCAÇÃO FÍSICA	D	40	1,8	40	2,6	40	3,9	40	4,3	40	6,1
	N	40	3,7	40	6,3	40	6,9	40	7,3	40	9,3
MATEMÁTICA	D	40	1,2	40	1,7	40	2,4	40	2,1	40	3,0
	N	40	3,6	40	4,0	40	4,1	40	4,4	40	5,2
GEOGRAFIA	D	40	1,8	40	1,8	40	3,1	40	2,9	40	3,4
	N	40	2,9	40	4,7	40	3,8	40	6,5	40	6,5
PEDAGOGIA	D	30	1,3	30	1,6	30	2,9	30	2,3	30	3,0
	N	30	3,4	30	5,3	30	4,4	40	3,9	40	4,8
SUBTOTAL	D	150	6,1	150	7,7	150	12,3	150	11,6	150	15,5
SUBTOTAL	N	150	13,6	150	20,3	150	19,2	160	22,1	160	25,8
TOTAL GERAL		300	19,7	300	28	300	31,5	310	33,7	310	41,3

LEGENDA: N/V – número de vagas C/V – candidato-vaga. **FONTE:** Fundação VUNESP – 1995.

Como é possível observar, a média geral de candidatos por vaga teve um crescimento significativo (19,7 em 1990 e 41,3 em 1994) em todos os cursos e turnos. Entretanto, os dados sobre ingresso na universidade, apesar de indicarem um número significativo de candidatos ao magistério, são poucos os alunos concluintes, considerando-se os anos em que houve aumento da oferta de vagas e da relação candidato/vaga, conforme pode-se observar no Quadro 10.

Quadro 10 - EVASÃO ESCOLAR NAS LICENCIATURAS - 1990 – 1992 FCT/UNESP – PRESIDENTE PRUDENTE - %

<u>CURSO</u>	<u>PERÍODO</u>	<u>1990</u>	<u>1991</u>	<u>1992</u>
EDUCAÇÃO FÍSICA	DIURNO	40,0%	35,5%	5,0%
	NOTURNO	21,4%	7,5%	15,0%
MATEMÁTICA	DIURNO	64,7%	35,1%	14,3%
	NOTURNO	63,0%	45,0%	7,9%
GEOGRAFIA	DIURNO	41,9%	27,8%	17,5%
	NOTURNO	32,4%	35,0%	15,0%
PEDAGOGIA	DIURNO	13,3%	16,7%	20,0%
	NOTURNO	30,0%	20,0%	16,7%

FONTE: EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP - PROGRAD, 1995.

Considere-se aqui que dos três anos analisados, nenhuma das turmas esgotou o prazo máximo para conclusão do curso, ou seja, cursos com duração mínima de quatro anos e máxima de sete. Obtém-se aqui uma média de 26,5% de evasão escolar nos três anos considerados. A aparente queda da evasão escolar no ano de 1992 deve ser relevada pelo motivo acima exposto, pois no curso de Educação Física, por exemplo, que na turma de 1992 registrou um índice de 5,0% de evasão escolar, a mesma encontrava-se na 3ª série do curso. Há que se destacar, ainda, que a demanda pelos cursos noturnos é bem superior aos diurnos, contabilizando-se menor evasão escolar. Essa supremacia dos cursos noturnos pode ser explicada, em parte, pelo crescente movimento de transferências de alunos dos cursos diurnos para o período noturno em virtude do ingresso no mercado de trabalho.

Porém, os altos índices de evasão escolar nos cursos de licenciatura parecem ser uma recorrência em todas as unidades da UNESP. Para demonstrar este panorama, os dados referentes a quatro licenciaturas, nos turnos diurno e noturno serão expostos no Quadro 11 – (ANEXO).

Entretanto, como já foi anteriormente considerado, este é um problema que não atinge somente o Brasil. A evasão escolar no ensino superior tem se revelado complexo em vários países. Prado (1990, p. 2) diz que

altas taxas de evasão são verificadas em muitos outros países e situações (França, Itália, Alemanha Ocidental, Grécia etc.), em geral concentradas nas etapas iniciais dos cursos. As tentativas de conciliar liberdade de escolha, oportunidade de acesso, expectativas e satisfações individuais com um aceitável desempenho dos sistemas de ensino superior, associado a prioridades e necessidades sociais, têm levado governos, instituições e pesquisadores a se voltarem a diferentes aspectos da questão".

Além disso é importante considerar que, no Brasil, o fenômeno é comum em todos os níveis de ensino, sendo que o enfoque principal tem sido dado à evasão escolar nas séries iniciais do 1º grau. Entretanto, é possível associar o fracasso escolar nas séries iniciais do 1º grau ao fraco desempenho dos cursos superiores de formação de professores no que diz respeito à qualidade e quantidade de profissionais formados para este nível de ensino.

A dificuldade de estudar e analisar o fenômeno tem sido um obstáculo para uma intervenção efetiva para superação desta situação. Isto deve-se à dificuldade de coleta dos dados referentes à evasão, uma vez que o aluno abandona a universidade e o curso no qual está

matriculado sem maiores delongas. Na maioria dos casos, a certeza da evasão (do ponto de vista técnico) só é possível após o término do período máximo para conclusão do curso (em média, 80% mais que o período mínimo de conclusão). Como isso ocorre após 7, 8 ou 9 anos, fica difícil prevenir a perda de grandes contingentes nos cursos de graduação na universidade. Além disso, é preciso definir claramente o conceito de evasão escolar no ensino superior que em muito difere de outros níveis de ensino. No relatório da Comissão Especial de estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras (1986) estão explicitados alguns conceitos sobre evasão de curso - quando o estudante abandona o curso por desistência ou reopção; evasão da instituição - quando o estudante requer a transferência para outra instituição; e evasão do sistema de ensino superior - quando o estudante abandona definitivamente o ensino superior.

Prado (1990, p. 36) alerta que

Está claro que, à medida que se ganha em precisão e confiabilidade quanto aos resultados da investigação, se atrasam eventuais decisões e providências para a aplicação desses resultados à população estudada, com a agravante da redução das dimensões da turma, uma vez que parcela considerável das desistências em geral ocorre sem mais preâmbulo.

A preocupação do autor justifica-se, pois a maior confiabilidade dos resultados implica em critérios mais rigorosos na conceituação do que seja evasão escolar. Se considerarmos como aluno evadido somente aquele que ao final do período máximo não tenha concluído o curso, sem dúvida perdemos a oportunidade de reverter o fenômeno. Diferentes metodologias tem sido usadas para aferir os índices de evasão escolar no ensino superior, porém, a sistemática mais adotada tem sido considerar o aluno evadido após o término do prazo máximo de conclusão do curso, o que indica que devemos encontrar outras alternativas no sentido de conciliar o rigor do estudo e a intervenção efetiva para superação do problema.

Prado (1990, p. 171) adverte ainda que

Ficou claro ao longo do trabalho que, por diversas razões, quer burocráticas quer da própria dinâmica da vida estudantil, é necessário aguardar um longo intervalo de tempo (da ordem do dobro da duração formal dos currículos) para que se possam levantar índices de evasão mais precisos. Dada a complexidade de fatores que em geral intervêm no fenômeno, não é seguro elaborar

previsões muito rapidamente, com poucos dados e informações, nem procurar construir modelos teóricos ad hoc, como trabalham alguns especialistas estrangeiros, notadamente norte-americanos.

Apesar da precariedade da coleta dos dados, o Ministério da Educação registra para a primeira metade da década de 80, índices de evasão no ensino superior da ordem de 40% a 45% (Prado, 1990, p. 3).

Observando-se os elevados índices registrados, nas circunstâncias em que se verificam, podem ser considerados relativamente satisfatórios. Considerando-se a expansão desordenada do ensino de 1º e 2º graus verificada no Brasil a partir de 1950, e conseqüentemente o aumento do número de alunos concluintes no ensino médio (2º grau), houve uma forte pressão sobre a universidade para expansão do número de vagas e ampliação do rol de carreiras profissionais, visando atender: a grande demanda do mercado de trabalho em crescimento em função da industrialização do país; a crescente demanda por profissionais do ensino para atender a rede pública de ensino de 1º e 2º graus. Ilustrando esta situação, Prado (1990, p. 15), diz que "para cada 1000 ingressantes na então primeira série do curso primário em 1960, 63 chegavam a concluir o ensino médio em 1970; em uma década a razão dobrou, pois para cada 1000 ingressantes na primeira série do 1º grau em 1971, 120 concluíram o 2º grau em 1971".

Inevitavelmente, o quadro delineado acima inspira questões para avaliações sobre a questão da produtividade do ensino, no que diz respeito ao retorno dos investimentos feitos neste nível de ensino. Constantemente, os órgãos de mídia manifestam-se sobre o assunto, com ilações nem sempre pertinentes sobre a baixa produtividade do ensino superior, especialmente nas instituições públicas. Chauí (1994) alerta para isso, quando analisa a postura da mídia e de algumas personalidades por ocasião da greve das universidades estaduais paulistas em 1994.

A greve das universidades paulistas suscitou polêmicas em torno de números, índices, recursos e custos. Jornalistas, universitários e empresários ocuparam diferentes páginas deste jornal e alguns, como o empresário Antônio B. B. Guilhaon, denunciaram o descaso do poder público brasileiro com a educação fundamental, o caráter elitista das universidades, o mau gerenciamento dos recursos universitários e compararam quadros referentes às universidades públicas brasileiras e estrangeiras. Muitos, vítimas de estranha

amnésia esqueceram que, durante a ditadura, as "elites" brasileiras, sob o pretexto de combate à subversão, mas, realmente, para servir aos interesses de uma de suas parcelas (proprietários das escolas privadas), praticamente destruíram a escola pública de primeiro e segundo graus..

Não tem faltado críticas às universidades públicas, e, via de regra estas tem sido mal recebidas pela comunidade universitária, não só em função de, na maioria das vezes, falta de pertinência, como também por um excessivo corporativismo, o que redundava em outra crítica: o temor da avaliação pública da universidade por parte da sociedade civil.

Chauí (1994, p. 3) defende a necessidade da avaliação universitária, mas não a partir dos parâmetros da produtividade empresarial, mas sim considerando-a importante:

1) para orientar a política universitária do ponto de vista de um saber da universidade sobre si mesma, de seu modo de inserção na sociedade e significado de seu trabalho e para reorientação de programas e projetos; 2) para orientar a análise técnica dos problemas operacionais e financeiros, suprir carências, atender demandas, quebrar bolsões de privilégios e de inoperância; 3) para a prestação de contas devida aos cidadãos.

Corroborando esta idéia, a Comissão Especial de Estudos sobre a evasão nas universidades públicas brasileiras (1996, p. 24), chama a atenção para as características peculiares da universidade.

As instituições universitárias, por se dedicarem à formação acadêmica e profissional de seus estudantes, apresentam características peculiares que as distinguem, por exemplo, do sistema produtivo industrial no qual as perdas podem ser identificadas com objetividade, eis que essencialmente quantitativas. No campo acadêmico, ao contrário, perdas e ganhos referentes à formação dos estudantes devem ser avaliados considerando-se a complexidade de fatores sociais, econômicos, culturais e acadêmicos que intervêm na vida universitária. Compreender

a evasão como um processo implica superar a postura economicista, derivada de visão essencialmente utilitarista da formação universitária que, se levada a extremos, conduziria por exemplo, à extinção de alguns cursos que são hoje mantidos quase que exclusivamente pelas universidades públicas. Logo, os índices de diplomação, retenção e evasão devem ser examinados em conjunto, não como um fim em si mesmos, ou apenas com objetivos **rankeadores**, mas sim como dados que possam contribuir tanto à identificação dos problemas a eles relacionados, como à adoção de medidas pedagógicas e institucionais capazes de solucioná-los..

A partir desta perspectiva, ou seja, rejeitando os critérios economicistas e utilitaristas de avaliação, deve ser construído um modelo de avaliação da universidade. Entretanto, perder de vista a questão da produtividade é um sério equívoco. Mas, como avaliar produtividade sem cair nas armadilhas do aspecto quantitativo? Segundo Soares (1972), a preocupação, quando se trata de produtividade deve ser a qualidade, levando-se em conta o rendimento, o processo educativo, e os recursos humanos e materiais. Para isso, segundo a autora devem ser considerados os seguintes índices:

- 1) adequação, em termos quantitativos, entre a mão-de-obra formada e as demandas sócio-econômicas;
- 2) relação entre os comportamentos terminais do output e as tarefas exigidas pela ocupação que vai desempenhar;
- 3) avaliação da visão cultural e do envolvimento social do graduado;
- 4) quantidade e qualidade de resultados de pesquisas oferecidos à comunidade;
- 5) quantidade e qualidade dos serviços prestados à comunidade;
- 6) objetivos fixados para o processo de ensino;
- 7) conteúdos – disciplinas – adequados a esses objetivos;
- 8) disciplinas de formação geral cursadas pelos alunos;
- 9) quando deveriam ser oferecidas as disciplinas de educação geral;
- 10) relação entre recursos materiais e métodos de ensino;
- 11) capacitação do corpo docente;
- 12) regime de trabalho dos docentes (tempo integral ou

tempo parcial, dedicação exclusiva, etc). (Soares, 1972, p. 29-40)

Em suma, a proposta da autora, apesar de datada do início da década de 70 em circunstâncias históricas bastante diferentes das atuais, parece ser ainda bastante atual, ao considerar que os aspectos qualitativos – docentes, pesquisadores, alunos e profissionais formados, além dos métodos de ensino – são os elementos principais a serem avaliados na universidade. Mensuração de índices a partir da quantidade de artigos ou livros publicados, número de alunos formados dentre outros, parece mascarar o problema. A expansão de vagas no ensino superior certamente aumentou o número de profissionais formados, mas, de forma alguma indica melhoria de qualidade do ensino e do profissional formado.

Assim, a análise do fenômeno da evasão escolar no ensino superior não pode ser feita somente à luz do número de alunos formados e evadidos, mas sim à luz de elementos internos e externos à universidade que possam dar pistas sobre as verdadeiras causas da baixa produtividade do ensino superior.

Um dos elementos que podem explicar, parcialmente, a evasão escolar diz respeito à atração exercida pela burocracia estatal sobre os jovens de classe média da sociedade brasileira. Sabe-se que o desejo de cursar a universidade está fortemente vinculado a projetos de ascensão social e econômica, ou seja, projeção social e bons empregos e salários. Como no magistério esses projetos não se viabilizam, o aluno tende a abandonar o curso de licenciatura em busca de outra opção mais valorizada socialmente.

Além disso, a dificuldade em conciliar jornada de trabalho e jornada escolar é fator importante na decisão de abandonar a universidade. Some-se a isso, as longas viagens de deslocamento de casa para a escola e vice-versa que alongam, excessivamente, a jornada escolar diária do estudante.

Por outro lado, há que se considerar que as pressões sofridas pelo jovem universitário por parte da família para ingressar na universidade e as dificuldades de adaptação ao novo ambiente escolar causam grande insatisfação, frustração e muitas vezes, o abandono da carreira escolhida.

Outro fator a ser considerado é que a falta de informações sobre o curso em que ingressam leva muitos alunos à evasão, muitas vezes decepcionados com o curso superior e a universidade.

Finalmente, devemos considerar que o fenômeno da evasão escolar no ensino superior diferencia-se em relação aos demais níveis de ensino, uma vez que vários ex-alunos optam por novas carreiras, após abandonarem o primeiro curso no qual ingressaram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTOLO, N. V. P. *Diminuindo a evasão na universidade. In: ENCONTRO SETORIAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP, 1, 28 a 30 de junho de 1995, Águas de Lindóia. (SP) Anais... São Paulo: UNESP, 1995. p. 191-7.*
- BICUDO, M. A. V. (Org.) *Evasão escolar nos cursos de graduação da UNESP. São Paulo: UNESP, 1995.*
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. Brasília: MEC/SESU, 1996 (mimeogr.)*
- BRASIL. Ministério da Educação e Desportos. *Evolução das estatísticas do ensino superior no Brasil - 1980-1994. Brasília: MEC, 1998.*
- BRUNS, M. A. T. *Evasão escolar: causas e efeitos psicológicos e sociais. Campinas: Editora da UNICAMP, 1987.*
- CASTANHO, M. A. *Universidade à noite: fim ou começo de jornada. Campinas: Papyrus, 1989.*
- CHAUÍ, M. *Do direito ao privilégio. Folha de São Paulo, São Paulo, maio 1994.*
- CHAUÍ, M. *Universidade e iniciativa privada. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 jul. 1994. p. 1-3.*
- COELHO, I. M. *Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade. In: Congresso Estadual Paulista sobre Formação DE EDUCADORES. 4, 1996, Águas de São Pedro (SP). Anais... Águas de São Pedro: UNESP, 1996 (mimeogr.)*
- CUNHA, L. A. *A gratuidade no ensino superior público: da proibição à garantia constitucional. In: VELLOSO, J. (Org.) Universidade pública: política, desempenho, perspectivas. Campinas: Papyrus, 1991. p. 31-55.*
- CUNHA, L. A. *A universidade crítica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.*
- DIAS SOBRINHO, J. *Universidade e classes médias: aspectos do caso brasileiro. Educação e Sociedade, São Paulo, n. 4, p. 111-21, set. 1979.*
- ESTUDO *apura 40% de evasão em cursos superiores públicos. Folha de São Paulo, São Paulo, 29 jan. 1998. p. 3-4.*
- FUNDAÇÃO PARA O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. *Guia do Vestibular UNESP. São Paulo: UNESP, 1995*
- GOMES, A. A. *Formação de professores: a dimensão do compromisso político. Marília, 1993. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.*
- HAMBURGUER, E. W. *Levantamento preliminar da evasão na Universidade de São Paulo. São Paulo: s.n., 1986, p.600.*
- KRUEL, I. R. P. *Evasão no curso de biblioteconomia da UFRGS – 1979-1986. Porto Alegre, 1988. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.*
- PATTO, M. H. S. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.*
- PEREIRA, J. T. V. *UNICAMP: a questão da evasão. ENCONTRO SETORIAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP, 1, 28 a 30 de junho de 1995, Águas de Lindóia (SP). Anais... São Paulo: UNESP, 1995. p. 152-74.*
- POPPOVIC, A. M. *Enfrentando o fracasso escolar. Apud BRUNS, M. A. T. Evasão escolar: causas e efeitos psicológicos e sociais. Campinas: Editora da UNICAMP, 1987. p. 32.*
- PRADO, F. D. *Acesso e evasão de estudantes na graduação: a situação do curso de Física da USP. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.*
- RIBEIRO, C. *As causas da evasão universitária. ENCONTRO SETORIAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP, 28 a 30 de junho de 1995, Águas de Lindóia (SP). Anais... São Paulo: UNESP, 1995. p. 176-90.*
- SILVA, D. C. *A evasão escolar no ensino superior: análise do curso de Pedagogia na Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7, 2 a 7 de dezembro de 1996, Guaratinguetá. Anais... São Paulo: UNESP, dez. 1996. p. 436.*
- SOARES, M. *Produtividade do ensino superior: In ENCONTRO DE REITORES DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS, 1972, Brasília. Anais... Brasília: MEC, 1972.*
- WHITAKER, D. C. A. *UNESP: diferentes perfis de candidatos para diferentes cursos: estudo de variáveis formadoras do capital cultural. São Paulo: Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista, 1989. (Pesquisa VUNESP, n.2).*

Quadro 3 - DESEMPENHO DOS ALUNOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - 1986 - 1994

CURSO	Nº INGRESSANTES	Nº DIPLOMADOS	Nº RETIDOS	Nº EVADIDOS	% DIPLOMAÇÃO	% RETENÇÃO	% EVASÃO	TEMPO MÉDIO DE CONCLUSÃO	
								MIN.	MAX.
E. FÍSICA	3210	1936	118	1156	60,3	3,7	36,0	4	7
C. AGRÍCOLAS	125	56	06	63	44,8	4,8	50,4	3	5
T.AGROPECUÁRIA	58	17	10	31	29,3	17,2	53,5	3	5
PSICOLOGIA	1344	823	32	489	61,2	2,4	36,4	3,5	7
PEDAGOGIA	11535	6062	903	4750	52,0	7,8	40,2	3	7
HISTÓRIA	1860	869	177	814	46,7	9,5	43,8	3	7
GEOGRAFIA	4948	2154	553	2372	43,0	11,0	46,0	3	7
C. SOCIAIS	3967	1266	490	2211	31,9	12,3	55,8	3	7
FILOSOFIA	3291	852	490	1949	25,9	14,9	59,2	3	7
C. BIOLÓGICAS	4467	1920	532	2015	43,0	11,9	45,1	3	6
DANÇA	37	15	05	17	40,5	13,5	46,0	3	6
DESENHO E PLÁSTICA	116	54	13	49	46,5	11,2	42,3	3	7
E. ARTÍSTICA	2911	1108	283	1520	38,0	9,7	52,3	3	7
LETRAS	10513	4081	1007	5325	38,8	9,6	51,6	4	7
MÚSICA	10	03	03	04	30,0	30,0	40,0	3	7
QUÍMICA	1160	185	107	868	15,9	9,2	74,9	3	6
MATEMÁTICA	4886	1138	610	3138	23,3	12,5	64,2	3	7
FÍSICA	3389	546	430	2413	16,1	12,7	71,2	3	6
TOTAL	57827	23085	5769	29184	39,9	10,0	50,1		

FONTE: COMISSÃO ESPECIAL DE ESTUDOS SOBRE A EVASÃO NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - 1996.

Quadro 5 - TOTAL DE EVASÃO ESCOLAR NA UNESP POR TURMA INCLUINDO MATRÍCULAS SUSPENSAS

T PA	1°		2°		3o		4o		5°		6°		7o		8o		9o		TOTAL	%	MATRÍCULAS
	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%	No	%			
1985	125	4,7	450	17,0	223	8,4	178	6,7	86	3,2	72	2,7	60	2,3	17	0,6	12	0,5	1223	46,1	2651
1986	190	7,0	456	16,9	209	7,7	145	5,4	94	3,5	72	2,7	44	1,6	14	0,5			1224	45,3	2703
1987	206	7,3	411	14,5	227	8,0	185	6,5	122	4,3	66	2,3	34	1,2					1251	44,0	2841
1988	191	6,4	402	13,5	232	7,8	160	5,4	125	4,2	66	2,2							1176	39,5	2979
1989	209	6,2	515	15,2	197	5,8	164	4,8	103	3,0									1188	35,1	3385
1990	317	8,1	570	14,6	206	5,3	163	4,2											1256	32,3	3894
1991	274	6,7	413	10,1	242	5,9													929	22,8	4079
1992	236	5,7	405	9,7															641	15,4	4170
1993	116	2,7																	116	2,7	4286

Legenda: T - turmas PA - Progressão anual

FONTE: EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP - PROGRAD, 1995.

Quadro 6 - EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE LICENCIATURA – UNESP 1985 – 1993.

CURSO	CAMPUS	1985			1986			1987			1988			1989			1990			1991			1992			1993				
		TURNO	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N				
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	ASSIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	40	-	-	31,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	-	-	10	-	-	-	5	
	BOTUCATU	20,5	-	-	17,5	-	-	2,5	-	-	25	-	-	17,5	-	-	12,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	RIO CLARO	52	-	-	28	-	-	40	-	-	24	-	-	36	-	-	12	-	-	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	S.J. RIO PRETO	28	-	-	48	-	-	12	-	-	24	-	-	60	-	-	28	-	-	16	-	-	4	-	-	8	-	-	-	-
E. FÍSICA	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30,8	-	-	7,1	-	-	13,3	-	-	-	-	-	-	-	
	P. PRUDENTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	53,8	-	40	21,4	-	35,5	7,5	-	5	15	-	-	-	15	-	
	RIO CLARO	18,3	-	-	21,7	-	-	25	-	-	23,3	-	-	13,3	-	-	26,1	-	-	10	-	-	6,7	-	-	-	-	-	-	-
FÍSICA	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	30	-	-	25	-	-	-	15	-	
	GUARATINGUETÁ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	47,8	-	-	43,3	-	-	40	-	-	30	-	-	-	2,5	-	
	RIO CLARO	77,5	-	-	-	-	-	60	-	-	80	-	-	47,8	-	-	57,5	-	-	32,5	-	-	25	-	-	-	-	-	-	-
MATEMÁTICA	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	-	-	13,3	-	-	-	-	-	
	P. PRUDENTE	-	32,5	46,7	-	46,2	56,7	-	65,7	60	-	51,4	27,5	-	20,0	36,3	-	64,7	6,3	-	35,1	45	-	14,3	7,9	-	-	-	-	-
	RIO CLARO	77,5	-	-	72,5	-	-	65	-	-	62,5	-	-	81,8	-	-	45	-	-	45	-	-	27,5	-	-	-	-	-	-	-
	S.J. RIO PRETO	-	66,7	22,5	-	60	70	-	66,7	67,5	-	90	46,2	-	34,5	10	-	20	25	-	10	10	-	10	2,5	-	6,7	-	-	-
QUÍMICA	ARARAQUARA	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	15	-	-	-	-	-	
CIÊNCIAS SOCIAIS	ARARAQUARA	-	74	72	-	80	70	-	80	74	-	60	22	-	40,7	36	-	44	38	-	24	65,4	-	18	14	-	-	-	-	-
	MARÍLIA	-	12,5	47,5	-	18,2	37,5	-	90	55	-	55	40	-	50	38,9	-	41,7	31,3	-	50	15	-	14,3	20	-	-	-	-	-
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	25	-	-	16	-	-	16	-	-	4	-	-	-	-	-	
	SÃO PAULO	-	60	-	-	60	-	-	40	-	-	40	-	27	-	-	-	52,5	-	-	20	-	-	22,5	-	-	-	-	-	-

FONTE: EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP – 1995.

I – INTEGRAL D – DIURNO N – NOTURNO

Quadro 7 – EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE LICENCIATURA – UNESP 1985 – 1993.

CURSO	CAMPUS	1985			1986			1987			1988			1989			1990			1991			1992			1993		
		I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N	I	D	N
FILOSOFIA	MARÍLIA	-	-	54,5	-	-	73,3	-	-	63,3	-	-	66,7	-	-	6,7	-	-	82,4	-	-	40,9	-	-	42,9	-	-	10
GEOGRAFIA	P.PRUDENTE	-	41,4	30	-	40	25,6	-	30	52,5	-	22,5	27,5	-	61,5	23,1	-	41,9	32,4	-	27,8	35	-	17,5	15	-	12,5	15
	RIO CLARO	30	-	-	27,5	-	-	32,5	-	-	35	-	-	32,1	-	-	20	-	-	30	-	-	12,5	-	-	-	-	-
HISTÓRIA	ASSIS	-	35	47,5	-	50	35	-	60	50	-	47,5	37,5	-	57,1	41,2	-	45,5	54,8	-	27,3	25,6	-	2,9	25	-	-	-
	FRANCA	-	45	27,5	-	35	42,5	-	35	60	-	35	45	-	58,3	47,7	-	70	48,3	-	25	46,7	-	15	10	-	6,7	4
LETRAS	ARARAQUARA	-	42,5	30	-	27,5	52,5	-	37,5	32,5	-	30	40	-	32,5	27,5	-	22,5	17,5	-	10	10	-	12,5	15,0	-	-	-
	ASSIS	-	60	53,3	-	60	53,3	-	55	55	-	33,3	51,7	-	48,6	35	-	32,7	36,5	-	17	25	-	24,1	12,3	-	-	-
	S.J.RIO PRETO	-	8	48	-	8	48	-	20	16	-	28	56	-	24	20	-	8	16	-	8	12	-	-	-	-	-	-
PEDAGOGIA	ARARAQUARA	-	40	44	-	40	44	-	40	45	-	32,5	22,5	-	53,3	96	-	27,5	22,5	-	25	8,1	-	5	12,5	-	-	-
	MARÍLIA	-	36,4	26,5	-	36,4	26,5	-	70	30	-	35	21,3	-	63,6	23,8	-	61,5	8,2	-	15,4	15,9	-	12,1	1,3	-	-	-
	P.PRUDENTE	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12,5	52	-	13,3	30	-	16,7	20	-	20	16,7	-	33,3	15
	RIO CLARO	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13,3	-	-	10	-	-	13,3	-	-	13,3	-	-	-
PSICOLOGIA	ASSIS	-	37,5	42,5	-	55	45	-	32,5	47,5	-	27,8	47,5	-	40,5	38,5	-	31,4	25	-	30	13,2	-	15,4	12,8	-	17,5	-
	BAURU	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	28,8	-	-	37,5	-	-	8,8	-	-	3,3	-	-	-	-	-

FONTE: EVASÃO ESCOLAR NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNESP – 1995. I – INTEGRAL D – DIURNO N - NOTURNO

Quadro 11 - PORCENTAGEM DE EVASÃO ESCOLAR POR CURSO E ANO DE INGRESSO – 1985/1993

CURSO	CAMPUS	1985		1986		1987		1988		1989		1990		1991		1992		1993	
			N	D	N	D	N	D	N	D	N	D	N	D	N	D	N	D	N
EDUCAÇÃO FÍSICA	BAURU		-	-	-	-	-	-	-	-	-	30,8	-	7,1	-	13,3	-	-	-
	P. PRUDENTE		-	-	-	-	-	-	-	100	53,8	40,0	21,4	35,5	7,5	5,0	15,0	-	15
	RIO CLARO	8,3	-	21,7	-	25,0	-	23,3	-	13,3	-	26,1	-	10,0	-	6,7	-	-	-
GEOGRAFIA	P. PRUDENTE	1,4	30,0	40,0	25,6	30,0	52,5	22,5	27,5	61,5	23,1	41,9	32,4	27,8	35,0	17,5	15,0	12,5	15
	RIO CLARO	0,0	-	27,5	-	32,5	-	35,0	-	32,1	-	20,0	-	30,0	-	12,5	-	-	-
MATEMÁTICA	BAURU		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15,0	-	13,3	-	-
	P. PRUDENTE	2,5	46,7	46,2	56,7	65,7	60,0	51,4	27,5	20,0	33,3	64,7	63,0	35,1	45,0	14,3	7,9	-	-
	RIO CLARO	7,5	-	72,5	-	65,0	-	62,5	-	81,8	-	45,0	-	45,0	-	27,5	-	-	-
	S.JOSÉ R. PRETO	6,7	62,5	60,0	70,0	66,7	67,5	90,0	46,2	34,5	10,0	20,0	25,0	10,0	10	10,0	2,5	6,7	-
PEDAGOGIA	ARARAQUARA	0,0	44,0	46,7	60,0	40,0	45,0	32,5	22,5	53,3	96,0	27,5	22,5	25,0	8,1	5,0	12,5	-	-
	MARÍLIA	6,4	26,5	50,0	5,0	70,0	30,0	35,0	21,3	63,6	23,8	61,5	8,2	15,4	15,9	12,1	1,3	-	-
	P. PRUDENTE		-	-	-	-	-	-	-	12,5	52,0	13,3	30,0	16,7	20,0	20,0	16,7	33,3	15
	RIO CLARO		-	-	-	-	-	-	-	-	13,3	-	10,0	-	13,3	-	13,3	-	-

FONTE: BICUDO, 1995, p. 34-7.